

## Da condição de arte/educador

Jurema L. F. Sampaio-Ralha

O assunto que me faz parar, pensar, sentar aqui e escrever é, ao mesmo tempo, simples e complexo. Arte/Educação, por que o termo? Podem alguns dizer: Mas não é educação artística? Não é a mesma coisa? E, é já aí, que começa o "problema" que me "perturba" há algum tempo. Será que arte/educador, é apenas um nome mais "chique" para professor de educação artística ou será mesmo que há alguma diferença? Isso sempre me fez pensar. Desde a época da faculdade que me pergunto, sobre essa tal "diferença". Fui oradora da minha turma na nossa formatura, e meu inflamado e juvenil discurso já refletia minhas idéias sobre arte/educadores e sua verdadeira função. Recentemente, algumas idéias, digamos, "interrogativas", vêm me "perseguido". Qual seria a verdadeira função de um arte-educador? Seria apenas ensinar história da arte, com sua cronologia, nomes e biografias de artistas e relato das obras que produziram? Bom, creio que não seria necessário uma formação tão específica apenas para tal, pois os professores de História geral, tem competência suficiente para isso. Para que, então, seria necessária essa graduação tão específica? Penso, na minha ignorância, que Arte/Educação é bem mais profundo que isso, vai bem mais além desse aspecto narrativo apenas, que também tem sua importância, mas não é tudo.

Acredito, sinceramente, que o arte/educador tem a função maior, de despertar o sentimento e o sentido de arte em seu alunos, o interesse pelas questões artísticas e estéticas, até mesmo a busca do que é arte e estética, e também, procurar desenvolver o potencial de cada um. Sem, no entanto, ser um modelo a ser seguido, para seus alunos. A liberdade de criação destes, deve ser sempre respeitada. Eis o grande desafio... é o "educador" que faz a diferença. Educar é mostrar caminhos, abrir horizontes, dar subsídios para que o educando desenvolva seu raciocínio e chega às suas próprias teorias e conclusões, e escolha seus próprios caminho. É guiar o aprendizado sugerindo, apoiando, dando suporte à criação de seu aluno. *"Não sou eu quem ensina, é você que aprende."*

Ser artista é uma outra coisa! Ser artista, requer, antes de tudo, talento artístico. O que independe da formação em Arte/Educação. Para ser artista, é preciso fazer arte. Para ser arte/educador, é preciso fazer educação em arte. Pode-se ser artista e se ter qualquer outra profissão ou atividade. Mas, quando se é arte/educador é quase que impossível não ser artista, penso, particularmente, que é quase uma obrigatoriedade do trabalho de arte/educador, ser, antes disso, um artista. Mas um artista no sentido amplo da palavra... Um artista real, que sabe reconhecer o talento, sabe reconhecer o potencial de um outro artista, sabe reconhecer a arte, em qualquer das suas formas de expressão, ou mesmo, se sensibiliza à simples evolução, mesmo que apenas técnica, de um não-artista que consegue desenvolver um trabalho artístico, por menor que possa ser esse trabalho. Por que, ensinar arte é, antes de tudo, ensinar o que é arte, o que ela trás em si, sua essência, e o que tem a oferecer.

Não questiono aqui, de forma alguma, o valor artístico dos trabalhos de pessoas que não tenham formação acadêmica em Arte/Educação, mas sim, seu preparo para "lecionar" arte. Não é porque uma pessoa tem um talento reconhecido para pintura, escultura ou qualquer outra das manifestações artísticas, que isso faz dela um arte-educador!

Levando esses pontos todos em consideração e, partindo do princípio que, mesmo que eu saiba muitíssimo sobre curas, medicina e saúde, se eu quiser "medicar" alguém, tenho que necessariamente cursar uma faculdade de medicina, e, embora eu possa saber muitíssimo sobre construção civil, caso queira assinar a autoria e responsabilidade técnica sobre uma obra, tenho que cursar uma faculdade de engenharia civil, e, ainda, caso eu queira defender alguém, perante um júri ou tribunal, tenho, necessariamente, que ter cursado uma faculdade de direito; por que



então, para dar aulas de arte, é permitido que uma pessoa, que tem como formação, apenas uma carreira brilhante como artista, fazê-lo? Essa pessoa, pode dominar a técnica do que se propõem a ensinar, mas, e a metodologia de ensino? Pergunto: Eu posso, sem ser médica, abrir uma clínica e atender pessoas, dizendo a elas o que fazer para cuidar de sua saúde, por mais que eu saiba cuidar da minha? O fato de eu ter uma alimentação equilibrada e balanceada, faz de mim uma nutricionista? Apenas meu conhecimento de leis e direitos, me torna uma advogada? Por que então, proliferaram-se tantas "Escolas de Arte", e "Professores de Arte", que se propõem a dar aulas de arte, sem ter a mínima formação técnica e acadêmica, necessária, no mínimo, para saberem o que e como ensinar? Como será que essas pessoas elaboram seus ensinamentos? Quais os objetivos desse "ensinar"? Para que, afinal, passamos anos de nossas vidas dentro de uma universidade, estudando métodos e técnicas, se pode-se dar aulas de arte apenas por saber pintar "bonitinho", ou, como tive uma vez o desprazer de ouvir: *"Ela tem muito talento, faz desenhos lindos do Mickey"*? Sem desrespeitar Walt Disney, criador do referido personagem, qual o mérito artístico de se desenhar lindos Miceys? Onde está a arte? Onde se processa o "criar", características básica da arte? Reproduzir uma criação de outra pessoa é arte? Máquinas copiadoras o fazem com maior precisão... mas, entraríamos aqui num outro ponto de questionamento, dos tantos em que o tema pode se abrir. Pretendo me restringir apenas ao título desse ensaio – Da Condição de Arte/Educador – e, tentar que seja, uma resposta para a mais inquietante das minhas perguntas persistentes: - Por quê é dada tão pouca importância á essa nossa profissão de arte/educador?

Não, não é exagero da minha parte, e todos nós, profissionais da área, sabemos muito bem disso. Quantos de nós conhecemos "colegas", que em sua formação acadêmica (quando têm), têm título de bacharel em artes plásticas e dão aulas de educação artística, muitas vezes até em escolas do governo, sejam, estaduais ou municipais? Quantos "profissionais" de Arte/Educação conhecemos, que sequer sabem quem foi este ou aquele pintor, ou ainda, que técnica esse ou aquele escultor usa ou usava para desenvolver seu trabalho? Quantas "professor@s de arte" conhecemos, e até talvez, tenhamos tido "aulas" com eles, que fazem lindas "obras de arte" pintando "lindas florzinhas em xícaras de porcelana", pintam "maravilhosos" quadros Art Nouveau ou, ainda, os "talentíssimos", que fazem "lindos desenhos de Miceys"? É muito exagero o que digo? Sejamos francos, há alguma mentira nessas minhas afirmações? Há erros nos meus questionamentos? A questão inicial e realmente preocupante desse texto, a da pouca importância que é dada à opção por Arte/Educação, tem raízes, a meu ver, bem mais profundas que a má remuneração dos professores (da área de artes e em geral) – Tema, aliás, de sempre merecido debate, pois, é evidente, que um profissional que tenha que se "dividir" entre quatro ou cinco escolas, por dois ou três períodos até, com N turmas e N+1 alunos, para conseguir uma retirada financeira mensal que, ao menos seja suficiente, para mantê-lo como pessoa digna, dificilmente consegue realizar um trabalho de expressão significativa.

Pensemos, porém, mais adiante. Pode-se desenvolver um trabalho bom, seja em qualquer área, sem se ter profundo conhecimento do tema tratado? Sem se conhecer a fundo as técnicas de trabalho adequadas, e o que se obtém de cada uma delas? Sem se ter testado e experimentado cada uma das técnicas necessárias ao que se propõe desenvolver como tema de trabalho? Cabe aqui, então, a afirmação de que é necessária uma formação específica para cada atividade. A função, ou atividade de arte/educador não pode, então, ser encarada ou ministrada diferente. O arte/educador, tem que passar por processos de aprendizagem específicos, das técnicas a serem ensinadas, e mesmo da maneira ou método de desenvolver esse trabalho. Estudamos, ou ao menos deveríamos estudar, a fundo essas mesmas técnicas. Praticamos muito e, com a experiência adquirida, nos tornamos habilitados a passá-las adiante, da forma correta, sem "queimar" etapas, necessárias ao processo de aprendizagem.

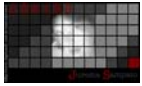


Não defendo o ponto de vista de que o diploma faz o profissional. Há, claro, casos em que a experiência pela prática, é mais valiosa que qualquer diploma ou certificado. Eu mesma, trabalho com áreas em que não tenho formação acadêmica específica, a comunicação e a tecnologia. No desenvolvimento de websites procuro desenvolver um trabalho onde sejam destacadas as características da minha opção de vida, a arte. Não tenho a mínima pretensão de competir tecnicamente com os profissionais da área, mas sim, venho acrescentar meus conhecimentos artísticos, necessários a uma boa estrutura visual de um website. Por mais que eu trabalhe e tenha experiência na área, nunca serei uma profissional de informática, mas sim, sempre, uma profissional de arte, dentro da área de informática, colaborando para evolução da mesma. Numa linguagem popular, poderia dizer que a minha "praia" é, e sempre será, a arte. Minha formação artística, somada aos conhecimentos técnicos adquiridos com o passar do tempo e pela prática na área, me deixam com uma certa liberdade de "circular" pela "praia" da informática, e me dá uma segurança maior para colaborar nessa área, mas jamais me tornariam uma analista de sistemas, por exemplo. Essa é a tão desejada interdisciplinaridade, todas as áreas de conhecimento se intercambiando para um mesmo objetivo ou projeto.

Não pretendo me estender, aqui, sobre esse tema, a interdisciplinaridade. Citei apenas como exemplo prático, vivido por mim mesma no cotidiano. Minha preocupação aqui é a questão da educação em arte. Acredito que, enquanto nos conformarmos com todos esses fatos "pitorescos" da área, não teremos, realmente, qualquer mudança significativa na maneira de pensar das pessoas de fora da área, fato que fica claro quando falam que o curso de licenciatura em artes é um curso menor ou "de esperar marido", destinado a "mocinhas de poucos recursos de inteligência". Diz um ditado popular antigo, que, "a quem muito se baixa, os fundos aparecem". Pois, enquanto corroborarmos com essa insólita situação e não fizermos nada além de reclamar em rodas de amigos ou debates de salas de aula para mudá-la, a mesma não mudará sozinha. Se, não fizemos, nós mesmo, profissionais de arte/educação, uma exigência pessoal de respeito e uma imposição da necessidade e utilidade de nossa formação, atuando nós mesmos com respeito a nossa carreira, com certeza, estas desejadas mudanças não virão "caídas do céu", como por presente ou condecoração por escolas "bem decoradas para festas juninas". Nós mesmos nos damos a esse papel! Nós mesmos, em muitos casos, nos "envergonhamos" da nossa condição de professores de arte. Flexibilidade, é sinal de inteligência. Se a tarefa que lhe couber for a de decorar a escola para uma festa junina, faça-a com o mesmo empenho que faria uma palestra sobre a vida e obra de um artista. Seja realmente um profissional. Tenha uma atitude profissional sempre, elabore seus objetivos, estructure seu trabalho dentro de uma linha filosófica, seja coerente com idéias, cumpra prazos e orçamentos.

Quando somos julgados "diferentes", (leia-se, exóticos, doidos ou qualquer outro adjetivo que se possa usar para definir pessoas que não tem o comportamento padrão médio esperado), por diretores de escolas, colegas professores de outras matérias, alunos e até nossos familiares, assumimos esse papel, o de "diferente", "doido", "moderno" (alguns, até, ingenuamente, se orgulham quando dizem: "Eu sou artista, por isso tenho que ser diferente."), sem, sequer, questionar esse rótulo. Somos diferentes porque? E, porque 'temos' que ser diferentes? Ter estilo é uma coisa, ser "diferente" por obrigação é tão medíocre quanto, ou mais até, do que ser igual a um todo, por não ter seu próprio estilo ou sua maneira de pensar. Alguns "colegas" tem, até, a suprema pretensão de se achar superiores aos colegas, professores das outras áreas de conhecimento, se julgando, assim, "seres especiais", que, por não serem devidamente recompensados financeiramente por sua superioridade, não tem obrigação de se dedicar com mais ênfase á sua opção de arte/educador.

Verdadeiros artistas, realmente têm seu próprio estilo e vivem de acordo com ele. Exemplo maior disso é Salvador Dali, com seus indefectíveis bigodes, que usava, independente de moda, estilo vigente ou opinião de quem quer que fosse, e toda sua maneira, particular até, de viver sua arte.



Prof<sup>a</sup>. M<sup>o</sup>. Jurema L. F. Sampaio-Ralha  
<http://www.jurema-sampaio.pro.br>  
Fone: [19] 9714.7551

Porém, arte-educadores são, antes de tudo, pessoas; e pessoas, tem diversos estilos, não necessariamente "diferentes", no sentido pejorativo do termo. Posso ser uma excelente profissional, de qualquer área, sem que para isso tenha que me encaixar em qualquer tipo de rótulo, perfil ou conceito de comportamento preestabelecido ou ditado por quem quer que seja. Pensemos então, e muito, antes de nos ofendermos com qualquer comentário ou pedido de superior para "enfeitar a escola", ou mesmo de pessoas de fora da área, quando não nos respeitam enquanto profissionais. Vejamos, antes, se nós mesmos nos damos a merecer esse respeito desejado. Se queremos ser respeitados como uma categoria de profissionais sérios, devemos agir como profissionais sérios, e não nos deixarmos levar por conceitos ou pré-conceitos estabelecidos por outros e que a gente "veste" sem questionar.

Nossa área de trabalho é realmente ampla, e, ainda temos muito que pensar, discutir e mesmo selecionar em termos de conteúdos e idéias, porém, dentro de um mundo sempre em constante mudança e evolução, não se pode ficar preso a idéias do passado. Tem-se que evoluir sempre. Tem-se que buscar sempre saídas para os problemas, da melhor forma possível, com criatividade e competência. Um profissional sério, seja de que área for é, em princípio, uma pessoa íntegra que desenvolve seu trabalho de forma a colaborar na evolução do seu semelhante e de si próprio. Tendo meu próprio estilo, acredito na minha formação pessoal e competência profissional, e ainda, tenho como lema, tanto na vida pessoal como profissional, a frase de um poeta a quem sempre admirei a coerência de idéias: "*Quem pensa por si mesmo é livre; e ser livre, é coisa muito séria.*" - Renato Russo.